

ECE TEMELKURAN

# juntos

manifesto  
contra um mundo  
desalmado

CRÍTICA

**ECE TEMELKURAN**

# **juntos**

**manifesto  
contra um mundo  
desalmado**

TRADUÇÃO

Cássia da Rosa e Oliveira

**CRÍTICA**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Ece Temelkuran, 2021 (edição revista, 2025)

Publicado em acordo com Canongate Books Ltd, 14 High Street, Edinburgh EH1 1TE

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Cássia da Rosa e Oliveira, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Together: A Manifesto Against a Heartless World*

*Preparação:* Fernanda Guerriero Antunes

*Revisão:* Bonie Santos e Flávia Yacubian

*Diagramação:* Negrito Produção Editorial

*Capa:* Luana Pillmann | Estúdio Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Temelkuran, Ece

Juntos : manifesto contra um mundo desalmado / Ece Temelkuran ; tradução de Cássia da Rosa e Oliveira. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
192 p.

ISBN 978-85-422-4356-7

Título original: *Together: a manifesto against a heartless world*

1. Ciência política 2. Direitos humanos 3. Mudança social I. Título II. Oliveira, Cássia da Rosa

26-2701

CDD 320

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência política

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# SUMÁRIO

|                                                   |     |
|---------------------------------------------------|-----|
| Um amuleto para o agora . . . . .                 | 11  |
| 1. Mais que esperança, fé . . . . .               | 17  |
| 2. A realidade no todo . . . . .                  | 31  |
| 3. Aproximar-se do medo . . . . .                 | 49  |
| 4. Mais que orgulho, dignidade . . . . .          | 65  |
| 5. Mais que raiva, atenção. . . . .               | 81  |
| 6. Mais que poder, força . . . . .                | 99  |
| 7. Mais que ter menos, ter o suficiente . . . . . | 113 |
| 8. Do coral sobre o naufrágio . . . . .           | 137 |
| 9. Da amizade. . . . .                            | 155 |
| 10. Sobre estarmos juntos. . . . .                | 175 |
| Agradecimentos . . . . .                          | 189 |

## MAIS QUE ESPERANÇA, FÉ

Em 2019, minha irritação com a questão recorrente – “Então, onde está a esperança?” – tornou-se autodestrutiva a ponto de, no final do ano, eu estar reagindo a ela com sarcasmo. Eu imaginava entregar ao próximo que se atrevesse a perguntá-la um cardápio do Restaurante Esperança; fantasiava uma cervejaria exótica que servisse um Cozido de Tudo Normal de Novo como prato principal; a clientela receberia uma porção de Democracia com um delicioso molho de Líderes Sensatos e Responsáveis, o vapor de Crise Global já dissipado. Mas, claro, onde há sarcasmo, há sempre um coração partido mal curado.

Já é de conhecimento comum: a Turquia, meu país, é um lugar difícil para se estar. Por anos, só um pequeno número de pessoas conseguiu fazer algo que mudasse o rumo sangrento das coisas. E, durante esses muitos anos, o resto da nação perguntou pela esperança. Ouvi o termo tantas vezes daqueles que não faziam nem perto do suficiente que a própria palavra passou a me soar como uma muleta emocional para os que não ousavam se erguer.

Hoje, o mundo ocidental – que, desde o século XVIII, alega ser um refúgio seguro para o indivíduo, para o livre-pensador – também está se tornando um lugar difícil de se estar. Os europeus e estadunidenses estão aprendendo a se sentir menos como indivíduos protegidos por leis e códigos morais, e mais como ratos de laboratório em um experimento gigantesco para medir nossa capacidade de suportar desafios políticos e morais intermináveis. O Ocidente também está sentindo na pele a paralisia de quem testemunha a tragédia misturada ao absurdo, às mentiras implacáveis que contam essas figuras políticas ridículas, às vezes ao estilo de Darth Vader. Todos sabemos do efeito anestésico de sermos bombardeados com o despudor do alto escalão da política e como isso estimula a crueldade do cotidiano. A imoralidade se entrelaça em uma identidade político-cultural e se batiza como “livre escolha do povo comum”. Como vimos durante a pandemia de 2020, essa loucura pode custar centenas de milhares de vidas humanas.

O único aspecto positivo desse labirinto político e moral global é que agora estamos nele juntos, nenhum país é poupado, e por isso devemos nos ater uns aos outros na busca pela solução. Mas meu coração se aflige sempre que vejo pessoas de outros países, recém-inseridas nesse labirinto, cometendo os mesmos erros, ao mesmo tempo que perguntam pela esperança.

Há, entretanto, um problema muito maior do que a minha irritação. Como estes tempos confusos nos mostram as piores e mais baixas representações da humanidade, um pensamento traiçoeiro cedo ou tarde vem à tona: “Será que as pessoas estão apodrecidas em sua essência?”. À medida

que essa pergunta virulenta se torna cada vez mais comum, ela começa a corroer nossa razão essencial de viver e agir. É como a cena do filme *O quinto elemento*, de Luc Besson, em que Leeloo, que deveria salvar o mundo, aprende como os humanos são brutais e decide que não merecem ser salvos. Em nosso caso, um beijo ardente de Bruce Willis talvez não baste para nos convencer de outra coisa. Uma nova geração está se criando em meio a questionamentos sobre se os humanos merecem a existência tanto quanto outras espécies. E não é fácil persuadi-la do contrário quando os representantes imorais da raça humana e seus exaltados devotos exploram as profundezas daquilo que nossa moral é capaz de suportar.

Durante uma palestra no Festival de Edimburgo, tentei como pude exercer um pouco dessa persuasão. Depois de dizer à plateia que esperança era uma palavra fraca demais para a tarefa a que nos prestamos e que somente a nossa determinação inerente para criar o belo nos salvaria, pensei que tivesse conseguido. Mas uma mulher de belos cabelos grisalhos me abordou depois da palestra, uma cruz pendendo do pescoço.

“Não fique impaciente com eles quando pedirem esperança”, ela dizia. Não perdeu tempo com cordialidades, como costumam fazer escritores e leitores. Foi direto ao ponto, então fiz o mesmo.

“Eu estou...”, comecei. “Na realidade, o mundo inteiro está à beira da ruína, e podemos mais do que pedir esperança. E se não houver esperança? Vamos nos sentar e aceitar nossa sorte? E uma pergunta mais perigosa: e se houver esperança? Estarão prontos a fazer o necessário?”

Delicadamente, ela pegou minha mão no ar, com compaixão e firmeza, como se resgatasse um pássaro que entrou voando pela janela. Parecia uma daquelas mulheres raras que fazem jus às rugas que ostentam no rosto. “Querem dizer outra coisa quando falam em esperança.” Pousou minha mão sobre a mesa como se me confiasse um segredo: “Pense em fé”. Ela deve ter me visto olhar sua cruz com um riso irônico de sabe-tudo, então acrescentou, sorrindo complacente: “Não a fé religiosa”.

Então pensei.

“Certo, vamos fazer o seguinte: ficamos no meio do terminal, girando no mesmo lugar, de olhos fechados. Quando pararmos, vamos abrir os olhos, e a primeira cidade que virmos nos anúncios diante de nós será para onde iremos.”

Esse foi o desafio que criei na estação de ônibus central em Ancara, a capital turca, na primavera de 1991, com um grupo de amigos tão entediados quanto eu com o curso de Direito. O desafio seria conseguir voltar para casa do lugar aonde fôssemos parar. Tínhamos apenas dinheiro o suficiente para chegar ao destino; o resto dependeria das nossas habilidades de sobrevivência, alimentadas por uma autoconfiança infinita. Depois dos fatídicos giros, nosso destino estava traçado: Trebizonda, uma cidade no mar Negro próxima à fronteira com a União Soviética, que acabara de se dissolver naquele mesmo ano. E assim, menos de doze horas depois de começarmos a girar, andávamos a esmo por um mercado de pulgas novo, erguido às pressas, que se chamava “Bazar Russo”. Era ali que o regime extinto transformava os pertences cotidianos de um povo em suvenires do fracasso do socialismo.

Desde a queda da URSS, as medalhas que as pessoas haviam morrido e matado para conquistar se tornaram acessórios descolados nas jaquetas de estudantes universitários – e sabe Deus o que foi feito de todas aquelas antigas máscaras de gás. Entre os termômetros grandalhões, casacos de pele grosseiros e cinturões militares, havia brincos de cerâmica sem par, samovares decorados com as folhas de chá ainda dentro, pires sem xícara. A virada da história foi tão repentina que não houve tempo de lavar a louça. O bazar estava mergulhado num silêncio atípico não apenas porque seus vendedores eram principiantes na economia de livre mercado, mas também porque agora estavam incumbidos de vender a própria vida.

Uma respiração próxima demais roçou minha nuca:

“E aí, Natasha, sexo?”

O sussurro sêboso de um jovem me fez querer lavar a orelha. Ao encontrar seus olhos lascivos, saltei para trás e respondi de pronto: “Não sou russa”. As desculpas foram breves: “Ah, foi mal, irmã”. Natasha era um nome comum para mulheres russas à venda, e eu tive a sorte de ser filha de uma ideologia ainda oficialmente viável, o capitalismo. Eu não estava em oferta; estava a salvo.

As mulheres da feira de repente se tornaram inseparáveis dos itens dispostos nas mesas, suas etiquetas de preço agora visíveis. O silêncio passou de melancólico a asqueroso. Enquanto se organizavam as festividades de “o socialismo está morto” nas usinas de ideias ocidentais, e alguns bandidos de espírito empreendedor se transformavam em oligarcas russos iniciantes, havia também homens em feiras como aquela, nos países em torno da antiga URSS, que não

vendiam mais que uma caixinha de caviar e uma garrafa de vodka russa. De olhos vagos, eles fumavam cigarros baratos e usavam bigodes marxistas que se tornaram, de um dia para o outro, figurino de drama de época. Os que viveram aqueles dias se lembrariam de que, se há uma coisa mais devastadora que a Morte do Caixeiro-Viajante,\* é seu nascimento prematuro forçado.

“O capitalismo precisa de um recomeço”, declarava a capa do *Financial Times*.

Era quase um apelo do jornal àquelas deidades negligentes que comandam o dinheiro. Embora os sábios do livre mercado venham falando do beco sem saída em que o capitalismo vem se enfiando há anos quando se reúnem a portas fechadas, o anúncio ao público ainda causou comoção. Como se com a simples menção da palavra “capitalismo” o jornal admitisse que esse é apenas um modelo político-econômico limitado, e não o estado natural do mundo. Parecia uma confissão do próprio capitalismo: existe vida além do modelo – além, ao menos, desta versão selvagem dele.

Hoje, embora cada vez mais gente se dê conta de que somos testemunhas do colapso de um modelo econômico, a questão ainda pode parecer surreal. Como seria o mercado de pulgas das ruínas do capitalismo? Junto aos bilhões de itens supérfluos, aposto que haveria pilhas de livros de autoajuda para o sucesso individual, e pilhas também enormes de livros dizendo que está tudo bem falhar. Mas as duas

---

\* Referência à peça de teatro escrita por Arthur Miller, de 1949, que leva o mesmo nome. (N.E.)

maiores pilhas ainda seriam a de livros que tentam reinventar a esperança e a de livros sobre utopias sem esperança. Na minha mente, consigo ver nosso riso desesperado diante desses dois montes de suvenires que se anulam. E nós, o povo, pareceríamos... bem, mais ou menos o que parecemos hoje: vítimas de um projeto falido, perdidos e confusos. Talvez apenas nossos filtros de Instagram nos deixassem com aspecto melhor do que tinham aqueles antigos cidadãos da URSS nos bazares russos. Mas, cedo ou tarde, seria preciso reconhecer que o que transforma seres humanos em trapos e farrapos é a perda de rumo, bem como nossa capacidade de crer que temos a competência para encontrar um novo. A mesma coisa que hoje nos faz perguntar se as pessoas são mesmo podres e, por isso, redundantes; que nos faz perder a fé na humanidade.

“Fé” é a única palavra que acomoda ao mesmo tempo todos esses conceitos que parecem estraçalhados: autoestima, convicção, confiança. O vocábulo, no entanto, exige que caminhemos na corda bamba entre a poesia e o domínio nebuloso da teologia. Os dois campos exigem um vocabulário distinto daquele que este meu livrinho pode oferecer. A fé parece religiosa porque, por milhares de anos, o costume foi fazer de Deus, ou dos deuses, o norte da nossa capacidade de crer. Sempre foi mais fácil permitir que o misticismo detivesse o monopólio do conceito de fé, porque nosso talento para crer é aterrorizante demais para ser depositado no mundano. A própria palavra tem um potencial perigoso, quase explosivo, e por isso sempre foi mais seguro atrelar esse nosso poder desmedido ao divino e afastar a fonte dele para algum ponto externo ao nosso ser mortal.

A esquerda muitas vezes se distanciou do conceito, até desdenhando dele, como eu mesma fiz com a cruz daquela mulher em Edimburgo, porque a palavra “fé” costuma sair do controle – fora as razões filosóficas. “Fé” cria uma relação perigosa entre os mortais, transforma-os em seguidores cegos e, não raro, em animais cruéis. É só quando reconhecemos a ideia de Deus como invenção nossa, ou seja, algo incontaminável e, por isso, o intermediário mais seguro entre nós mesmos e as outras pessoas neste mundo desalmado, que podemos conseguir acomodar a fé nesta nossa realidade mundana.

Deixo Deus no âmbito da poesia e da teologia, e ofereço em seu lugar algo mais parecido ao irritante chacoalhão que damos em alguém prestes a adormecer em meio ao nevoeiro do cinismo e da depressão que parecem tão amenos. Aqui está outro desafio para testar essas deliberações sobre a fé no humano, desta vez em um lugar sagrado. É a Basílica Palatina de Santa Bárbara, na antiga cidade italiana de Mântua.

É quase impossível para alguém do mundo muçulmano suíta imaginar fazer um discurso sobre um livro político em um espaço sagrado. Para uma mulher, que deve entrar na mesquita por uma porta lateral, tentando se esconder da congregação dominada por homens, é uma sensação especialmente estranha visitar uma igreja e ser chamada ao altar. Mas cá estou eu, nesta basílica do século XVI, encantada com o eco que minha voz faz quando digo: “Não acredito em Deus, mas nos seres humanos”.

Mesmo quando digo que não precisamos da religião para ter fé e confiança uns nos outros, a ressonância envolve

minhas palavras em certo ar de divindade. O silêncio deixa de ser aquele da curiosidade comum dos ouvintes e passa a ser o da união exultante de uma congregação, quando pronuncio as palavras “fé na raça humana” e “a beleza do humano”. Ouço suspiros de alívio.

Esta é a Itália, afinal de contas: quando o resto do mundo ocidental ainda não fazia ideia da insanidade política e moral, os italianos tinham Silvio Berlusconi, mais divertido que Boris Johnson e muito mais perigoso que Donald Trump. Eles foram a primeira nação europeia a vivenciar essa virada brusca na história, enquanto o restante dos ocidentais pensava que era apenas uma maluquice mediterrânea temporária. Estão cansados da vergonha de serem representados pelos piores deles, o que, apesar do clima mais ameno, agora também é o caso das democracias mais maduras e dos países mais economicamente formidáveis.

Olhos marejados e sorrisos plenos me recebem quando desço do altar, o que por um momento faz com que eu me sinta uma impostora do televangelismo. Mas, com o minuar do meu cinismo, percebo que isso é o que acontece quando as palavras são usadas como massagem cardíaca para reanimar o coração humano que há milhares de anos inventou os deuses e, antes ainda, a própria fé. Esse é o único mecanismo humano que pode curar este profundo amargor do fracasso e o autodesprezo que resulta dele – e ele continua ali, batendo, centenas de desastres e milhares de tiranos depois, quando parece que nossa humanidade foi abandonada. Não é um otimismo a esmo, mas um lembrete às pessoas de sua capacidade de encontrar um novo rumo e da necessidade de ter fé na própria potência. A conveniência da

palavra “fé” deriva do fato de que já a conhecemos; ela não requer evidência, nem pode ser refutada.

“Você tem esperança no seu país?”, um jornalista perguntou à atriz iraniana Golshifteh Farahani em um momento em que sua terra natal mais uma vez resistia ao totalitarismo islâmico.

Por uma fração de segundo, ela ficou em silêncio, como se a pergunta a irritasse. Depois, disse: “Não tenho esperança de que o fogo queime. Não tenho esperança de que a água flua. A natureza humana é ser livre. O Irã será livre”.

É compreensível que uma mulher tão corajosa, que deixou seu país para viver sua paixão, pensasse que a liberdade é parte fundamental da natureza humana. Entretanto, se observamos uma variedade suficiente de pessoas, percebemos que é difícil, na verdade, provar que os humanos têm méritos tão nobres. Baseada em expectativas tão elevadas, a fé na humanidade se torna uma teoria frágil. Não é a maldade radical que hiberna na humanidade que me faz dizer isso, mas nossa capacidade de ser assombrosamente banais, vazios e fracos. Nosso entendimento da natureza humana não pode se limitar aos humanos que existem – sejam incrivelmente comuns, sejam extraordinariamente inspiradores. “Deve haver outra coisa”, diz minha necessidade de acreditar no humano – e, assim, acreditar em vocês.

“Ah, é uma das atrações mais populares da cidade.” A voluntária simpática na venda de livros do Festival de Ideias me fala de um tour chamado “Bristol não construída” e me dá um panfleto que diz: “Junte-se ao historiador local Eugene Byrne em um tour a pé das coisas que não existem”.

Byrne, que escreveu um livro com o mesmo título, conduz um passeio pela cidade em que conta sobre vários projetos que jamais saíram do papel. É um dia inteiro olhando coisas que não existem. O panfleto ainda avisa para usar calçados confortáveis e trazer a imaginação.

A pergunta não é o que há para ver quando não existe nada ali, mas se a cidade não construída é mesmo inexistente, quando se pode ir passear nela. Se adaptarmos a pergunta ao mundo mais em geral, devemos julgar a humanidade apenas pelas suas realizações e por seus insucessos atestados? Não seria mais justo incluir suas aspirações?

O fato de que muitos dos projetos não foram realizados não torna menos reais as aspirações humanas, desde que as reconheçamos. Se fôssemos organizar um “Passeio do mundo não construído” pela história da humanidade, seria necessário mais do que sapatos confortáveis e nossa simples imaginação; para que nossos olhos vissem a determinação humana para criar o belo, seriam necessárias compaixão e convicção moral. Essa postura seria de grande ajuda e apoio para o ser humano atual, que, apesar de todo o seu cinismo ostensivo, desesperada e secretamente ainda tem fé. Isso não é fácil de admitir. Não somos tão diferentes, em nossa luta contra a palavra “esperança” e em nossa resistência à nossa própria necessidade de acreditar.

Um grupo de nova-iorquinos tenta apagar suásticas das janelas do metrô uma manhã; um senhor analfabeto carrega lenha para uma biblioteca infantil que ele mesmo construiu, em uma cidadezinha da Anatólia; manifestantes libaneses aos milhares cantam “Baby Shark” para ninar um bebê que ficou preso no trânsito; moradores de Hong Kong tiram um

amigo das mãos da polícia armada; mulheres chilenas resistem à brutalidade policial dançando; crianças irlandesas em idade escolar se organizam para impedir a deportação de um amigo nigeriano. São apenas alguns entre centenas de momentos que as pessoas compartilharam nas redes sociais nos últimos anos. Nós o fazemos porque queremos acreditar no humano, renovar nossa fé diante da determinação para criar o belo. Como se tentássemos curar a mídia de sua obsessão com os absurdos e tragédias que a infestam, compartilhamos publicações em que pessoas comuns procuram fazer o que é certo. A popularidade dessas publicações e a alegria sôfrega que sentimos quando compartilhamos esses momentos são apenas uma parte da evidência da nossa eterna necessidade e capacidade de acreditar no humano.

Pode-se pensar que o lado mais difícil dessa fé é ter uma convicção moral inabalável, ou perdoar as pessoas mais do que os beatos perdoam a Deus. Mas, entre tantos outros desafios, o mais difícil acontece, na verdade, em um lugar aparentemente menos significativo. Você. Eis o maior desafio de todos.

*“Sit autem puero huic incredibili conscius, sine fine amore et robotis habitat. Sit huic puero nisi obviam populo [...]”*

Detenho-me no meio do meu apartamento em Zagrebe lendo latim em um pedaço de papel. O pequeno Valentino está no centro do cômodo, no colo do pai, Victor, que é espanhol, e da mãe, minha grande amiga Burcak, os dois aos risinhos. Ali, no cerne do nosso bobo ritual, está um compromisso sério: estou me tornando a madrinha secular de Valentino. Estas são as palavras que nos vinculam:

Que o Valentino leve apenas alegria, prosperidade e boa sorte aonde quer que vá. Que ele veja o mundo inteiro e entenda a humanidade melhor do que fizeram seus ancestrais. Hoje, meu pequeno, com a permissão da sua mãe e do seu pai, torno-me sua madrinha secular. Prometo ser sua protetora, guia e companheira pelo resto dos meus dias.

Com uma expressão de “Que porra é essa?” no rosto, Valentino, de nove meses, começa a chorar, ao fim da cerimônia, por causa do meu sinistro tom clerical que imita as cenas de batismo dos filmes. Adultos cruéis que somos, rimos ainda mais de sua careta triste.

Na realidade, não há graça nenhuma. É trágico para nós, pessoas que querem acreditar no humano, não dispor de rituais laicos estruturados para selar nossos compromissos uns com os outros. É algo muito sério prometer a uma criança estar presente em todos os momentos; considerando que eu nem sequer alimento os pássaros que param à minha janela com medo de um dia decepcioná-los, isso é um grande salto para mim. Fazendo essa promessa, não só passo a ter a responsabilidade de estar presente, como também preciso confiar em mim mesma para cumprir a tarefa.

Esse, meus amigos, é o maior desafio que já me impus. Ir à guerra, arriscar a vida ou outros perigos da vida nem se comparam ao medo que deriva desse risco. A parte mais difícil, mais divina – posso usar essa palavra? – de ter fé no humano é ter de acreditar em si mesmo.

Não tenho certeza se a mulher grisalha de Edimburgo tinha tudo isso em mente quando me disse para pensar sobre a fé. Mas o que eu agora entendo é que é inútil lutar contra

o poder mágico do humano, que só a fé pode gerar. A esperança é apenas um código tímido que sugere essa necessidade de fé. Os movimentos políticos de hoje, determinados a definir um novo rumo para a humanidade ou proponentes de uma saída para o nosso labirinto político-moral, não devem negligenciar a necessidade e a capacidade que as pessoas têm de ter fé. Por mais explosiva que possa ser a palavra “fé”, ela também está no cerne da questão da ação política. Devemos todos aceitar o fato de que a fé é e pode ser a única razão de agir quando tudo se perdeu.

Acreditar nos dá a habilidade de prometer e a determinação de cumprir – de criar o belo, em todas as suas variedades. Minha mão não segura a sua enquanto lemos o cardápio do Restaurante Esperança. Eu o tomo de você, apontando-lhe o dedo no peito e dizendo: “Eu acredito em você. Pode acreditar em mim. Você precisa acreditar”.

Movimentos de protesto em todo o mundo revelaram as desigualdades costuradas no tecido da sociedade: os incêndios florestais deixam claro que estamos no meio de uma catástrofe climática, a pandemia nos mostrou o quão frágeis nossas economias são e as teorias da conspiração em torno das eleições provaram o mesmo sobre nossas democracias. Aqueles que estão no poder não têm as respostas. Na verdade, quem está no comando, na maioria das vezes, é o problema.

Então, o que fazemos? Em *Juntos*, a premiada comentarista política Ece Temelkuran apresenta uma nova narrativa para o momento atual e nos pede que façamos uma escolha. Escolher a determinação em vez da esperança; abraçar o medo em vez do frio da ignorância; voltar nossa energia para uma atenção firme e constante sobre aqueles que estão no poder e os sistemas destrutivos que eles sustentam, em vez de desperdiçar tempo despejando raiva e indignação on-line.

Acima de tudo, este livro pede que você escolha ter fé nos outros seres humanos com quem compartilhamos o planeta.

**“A genialidade em desmontar o poder com uma ironia inesperada, em te conduzir à compreensão do presente ao te dar um bisturi e uma flor. Leia este livro: você vai sangrar e, ao mesmo tempo, vai se sentir protegido. É a magia de Ece Temelkuran.”**

Roberto Saviano, autor de *Gomorra*

 selocritica  
 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivrosbrasil  
 planetadelivros.com.br

**#acreditamosnoslivros**

CRÍTICA



9 788542 243567